

DEUSA VIVA

Mesmo os povos ditos culturalmente primitivos, como os indígenas brasileiros ou os integrantes de tribos africanas, entre outros, também intuem e festejam a existência de um Ser Superior, criador de tudo, e articulam formas de conexão com ele, ou seja, criam uma religião. Nesse sentido e independentemente de seu espaço territorial ou do número de crentes, têm sido criadas, no mundo contemporâneo, diversificadas “religiões”, muitas das quais, assim como surgiram, acabam desaparecendo em pouco tempo.

Existem, contudo, aquelas melhor estruturadas e com milhões de adeptos, como o Cristianismo, que é a maior de todas, o Islamismo, a segunda delas em número de crentes, o Hinduísmo, o Budismo e o Sikhismo, que é quinta maior religião em número de adeptos. Também se pode falar, do ponto de vista religioso, do Judaísmo, das Religiões Afro-Brasileiras e do Espiritismo, que tem número significativo de adeptos no Brasil.

A notícia que li no Estadão de duas semanas atrás, a respeito da nova “deusa viva” do Nepal, despertou em mim a curiosidade por conhecer as muitas manifestações exóticas de religiosidade ainda existentes no mundo todo. A tal deusa nepalesa, explico-lhes, não passa de um bebê de pouco mais de dois anos, considerada reencarnação da deusa Taleju e que, entre outros atributos, não pode ter medo do escuro, o que seria uma necessária demonstração de coragem. A partir da escolha, Aryatara Shakya passou a viver no palácio-templo Kumary Ghar, na capital Katmandu. Quando atingir a puberdade, porém, ela volta a assumir a condição de mortal e, então, é escolhida outra “deusa viva”. A importante nota a se destacar é que os nepalenses creem na reencarnação, assim como as grandes religiões orientais. Segundo me consta, o Catolicismo também não a proscovia, pelo menos até o Concílio de Trento.

A “deusa viva” do Nepal não é a única manifestação religiosa exótica existente no mundo. Há muitas outras, tais como a adoração do falo viril como símbolo de fertilidade e renovação, ou o estranho costume de cuspir nas mãos antes de cumprimentar

convidados, como sinal de respeito e demonstração de boas vindas. Ou também o impiedoso sacrifício de animais no Vodou haitiano e ainda, por último, a intrigante automutilação como forma de penitência física. Essas práticas têm, sem dúvida, um inegável fundo religioso.

Em nosso Brasil, não se pode esquecer do sincretismo religioso entre Catolicismo, que é a crença dominante no país, e diversos cultos trazidos da África ao tempo do condenável tráfico de escravos, gerando outras formas religiosas, algumas das quais também podem ser classificadas de exóticas.

Bem sei que Erasmo é particularmente interessado nesses assuntos, por isso mesmo procurei-o a fim de conversarmos a respeito de práticas religiosas exóticas. Logo no início da conversa ele fez menção ao antigo costume existente na tribo Dani, da Indonésia, hoje já bem menos frequente, de as mulheres terem cortada a ponta de um dos dedos - que crueldade! - sempre que um parente falece, como forma de satisfazer os fantasmas ancestrais, seja lá o que isso signifique. E concluiu, afirmando de maneira peremptória: “Amigo Viganó, vai chegar um tempo em que somente encarnarão na Terra espíritos mais elevados, a fim de prosseguirem em sua jornada evolutiva. Então, essas práticas religiosas esdrúxulas irão gradativamente desaparecer. Não tenha nenhuma dúvida quanto a isso”.

Meus caros amigos e minhas caras amigas, vocês estão de acordo com Erasmo?

Viganó
darly.vigano@gmail.com